

Afif não aceita possibilidade de derrota

Foto de José Carlos Moreira

SÃO PAULO — Apesar de ter dormido apenas quatro horas na noite que antecedeu a eleição, o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, estava muito otimista ontem cedo, durante o café da manhã que tomou ao lado da mulher, dona Sílvia, e dos filhos. Afif acordou às 7h30m, e estava confiante na vitória. E até arriscou um palpite: que disputaria o segundo turno com o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva.

— Não trabalho com a hipótese de não chegar à Presidência da República — repetia todas as vezes em que era interrogado por jornalistas sobre as possibilidades de alianças do PL para o segundo turno e se iria disputar a sucessão estadual no próximo ano. Para ele, o Brasil começava a existir a partir dessa eleição.

— Espero que este pleito sirva para quebrar toda estrutura econômica atual, que mantém a miséria do povo. As elites, corruptas, não querem o povo livre — disparou o candidato liberal, prometendo, se eleito, cortar o subsídio do empresariado.

Aparentemente recuperando do bom-humor que tinha no início da campanha, Afif só não conseguia esconder a tensão quando era obrigado a responder sobre a acusação de "omissão" feita pelo seu adversário, Mário Covas, do PSDB, no último debate dos presidenciais, promovido pela TV Bandeirantes.

Até esse enfrentamento, o candidato do PL estava em plena ascensão nas pesquisas eleitorais, chegando até a ser considerado um fenômeno eleitoral que despontava.

De lá para cá, foi perdendo fôlego, deixando de concorrer entre os cinco

primeiros colocados. Até ontem, ele ainda respondia a Covas.

— Ele roubou a minha campanha, copiou meus discursos e foi antiético — disparou Afif, evitando avaliar os estragos que este confronto provocou à sua candidatura.

Aos 46 anos, o candidato Afif Domingos votou pela primeira vez para Presidente da República. Ele saiu de sua casa, no elegante bairro dos Jardins, às 9H45, acompanhado da mulher e dos filhos, Guilherme e Sílvia Helena. Ele fez questão de votar na Escola Britânica, a pouco mais de duas quadras de sua residência, onde votariam também pela primeira vez seus dois filhos.

Afif foi a pé até o colégio. No trajeto, foi cumprimentado por eleitores e simpatizantes de sua candidatura, deu autógrafos e repetiu com as mãos o slogan que marcou sua campanha — "juntos chegaremos lá".

Depois, levou sua mulher para votar no Colégio Sacré Couer, também nos Jardins. Logo que chegou, cumprimentou o deficiente físico Pedro Amaral, quando teve a primeira decepção do dia: ouviu dele que votaria no seu adversário Paulo Maluf, mas procurou não perder o bom-humor, entrando em seguida no colégio. Ao chegar à seção, recomendou à sua mulher: "Não erre".

Emocionada, dona Sílvia ficou com os olhos cheios de água ao depositar a cédula na urna. Para confortá-la, Afif lhe deu um beijo no rosto.

Na caminhada pelos locais de votação, Afif ainda tinha esperança de conseguir alguns votinhos a mais.

— O candidato é a própria propa-



Depois de votar, Afif, ao lado de sua mulher Sílvia, cumprimenta mesários

ganda eleitoral, já que é proibido fazer boca de urna — disse, enquanto ouvia comentários do tipo: "olha, ele é mais bonito do que parece pela televisão" ou "como é simpático", feitos geralmente por senhoras.

Embora apareça em sexto lugar nas últimas pesquisas, Afif ainda insistia que o resultado da eleição seria uma "caixa de surpresas".

— A pesquisa não manda mais do que o povo — dizia até a hora de embarcar para Brasília, onde acom-

panhou a eleitora Maria das Dores Silva de Lima, deficiente física, residente no Plano Piloto, para votar. Ele deixou o aeroporto de Congonhas, às 13 horas, num jatinho da TAM.

Em Brasília Afif também se encontraria com o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Ministro Francisco Rezek. Ele queria cumprimentar Rezek pela atuação da justiça eleitoral, que segundo ele, saiu fortalecida nessa eleição.